

## «Tribuna do Vate»



**Joaquim Guilherme Gomes Coelho** (Porto, 14 de Novembro de 1839 – Porto, 12 de Setembro de 1871) foi um médico e escritor português. No período mais brilhante da sua carreira literária usou o pseudónimo de «**Júlio Dinis**» - Júlio Dinis era filho de José Joaquim Gomes Coelho, cirurgião, natural de Ovar, e de Ana Constança Potter Pereira Gomes Coelho, de ascendência anglo-irlandesa, e vitimada pela tuberculose quando Júlio Dinis contava apenas seis anos de idade. Frequentou a escola primária em Miragaia. Aos catorze anos de idade (1853), concluiu o curso preparatório do liceu. Matriculou-se na Escola Politécnica, tendo, em seguida, transitado para a Escola Médico-Cirúrgica do Porto, cujo curso completou a 27 de Julho de 1861, com alta classificação. Mais tarde (1867), foi incluído como demonstrador e lente substituto no corpo docente desta mesma Escola.

Já então sofria da doença da tuberculose pelo que, esperançado em encontrar cura no ambiente mais salutar da província, se transferiu temporariamente para Ovar, para casa de uma sua tia, Rosa Zagalo Gomes Coelho, que vivia no Largo dos Campos. E foi ainda esperançado numa cura de ares, que esteve duas vezes na ilha da Madeira, além de outras peregrinações que terá feito através do país. Simplesmente, o mal de Júlio Dinis não tinha cura. E com trinta e dois anos apenas, morria aquele que foi o mais «*suave e terno romancista português, cronista de afectos puros, paixões simples, prosa limpa*». De resto, essa terrível doença, que já havia vitimado a mãe, em 1845, foi a causa da morte de todos os seus oito irmãos.

No ano do seu falecimento, 1871, publicou-se o romance «Os Fidalgos da Casa Mourisca». Só depois da sua morte se publicaram «Inéditos» e «Esparsos», em dois volumes, assim como as suas «Poesias», dadas à estampa entre 1873 e 1874. Júlio Dinis viu sempre o mundo pelo prisma da fraternidade, do optimismo, dos sentimentos sadios do amor e da esperança. Quanto à forma, é considerado um escritor de transição entre o romantismo e o realismo.

### Obras de Júlio Dinis

As Pupilas do Senhor Reitor; A Morgadinha dos Canaviais (1868); Uma Família Inglesa (1868); Serões da Província (1870); Os Fidalgos da Casa Mourisca (1871); Poesias (1873); Inéditos e Dispersos (1910); Teatro Inédito (1946-1947)



### METAMORFOSE

Repara: — a imóvel crisálida  
Já se agitou inquieta,  
Cedo, rasgando a mortalha,  
Ressurgirá borboleta.

Que misteriosa influência  
A metamorfose opera!  
Um raio de Sol, um sopro  
Ao passar, a vida gera.

Assim minh'alma, inda ontem  
Crisálida entorpecida,  
Já hoje treme, e amanhã  
Voará cheia de vida.

Tu olhaste — e do letargo Mago  
influxo me desperta;  
Surjo ao amor, surjo à vida,  
À luz de uma aurora incerta.

Júlio Dinis

### MOMENTO DECISIVO

O Sol descia ao poente,  
E florente estava o prado;  
Ouviam-se auras suaves  
E das aves o trinado.

Tu sentada ao pé da fonte  
O horizonte contemplavas  
Vias o Sol declinando  
E, corando, suspiravas.

E depois... seria acaso?  
Do ocaso a vista ergueste,  
E, ao olhar-me, mais coraste,  
Suspiraste e emudeceste.

Foi bem rápido o momento  
Dum alento repentino;  
Porém nesse olhar de fogo  
Eu li logo o meu destino.

Nesse olhar, no rubor vivo,  
No furtivo respirar...  
Diz, tu mesma nessas letras  
Não soletras já: amar?

Júlio Dinis

### MORTE DE JÚLIO DINIS

Foi apagar-se um Astro rutilante  
Que iluminava a terra portuguesa.  
Vencido pela doença torturante  
Sucumbe, enfim, a débil Natureza!

Acalentam nessa hora dolorida  
O seu coração meigo e sofredor  
A candidez ideal da Margarida  
E a virtude cristã do bom Reitor.

Floriu-lhe na alma a rosa da bondade  
E perfumou o talento portentoso.  
Serenos vê rair a Eternidade,  
Deixa no mundo um rasto luminoso

A Pátria Portuguesa se entristece,  
Corre pranto de amigos, consternados.  
Um ancião que chora e desfalece,  
De exemplo serve a pais desventurados!...

Maria Teresa Tavares Barata  
(prima da nossa Confrade Clarisse  
B. Sanches)